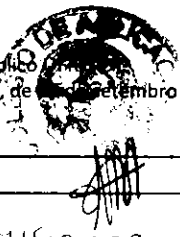


Questão 2

Para discutir as relações estabelecidas entre as sociedades atlânticas no âmbito do Império Ultramarino Português usarei como referências Emmanuel Le Roy Ladurie, especialmente o livro "A dinâmica do capitalismo"; e Charles Perry, no livro "O Império Marítimo Português". Convidamos ainda a dialogar com Barbara Barry, historiadora senegalesa autora do livro "Senegâmbia e a ruptura da história regional": enquanto Braudel estudou as estruturas econômicas envolvendo o Atlântico na modernidade, Berry analisou o caso específico do Império Português, que fez justicars o principal eixo comercial entre Europa, África e América. Por fim, Barry discute sobre as consequências, para a África ocidental, do tráfico transatlântico de escravos.

Segundo Braudel, a principal mudança econômica verificada na modernidade liga-se ao surgimento do capitalismo comercial. Essa transformação ocorreu paralelamente à mudança do eixo econômico do Mediterrâneo para o Atlântico. E há séculos, exatamente no mesmo milênio, o Mediterrâneo conectava a Europa meridional com a Ásia ocidental e o norte da África, a partir da modernidade o Atlântico interligou a velha Europa com a África ocidental (ou equatorial), mas ainda, com o litoral ocidental africano e o litoral oriental americano. Trata-se a economia-mundo ("économie-mondiale").

O Império Ultramarino Português, à semelhança do Império Espanhol, é a primeira grande criação e criação da economia-mundo II que nos falou Braudel. Os lusitanos reuniram em seu vasto império imperial sociedades indígenas de origem europeia, africana e



Questão 2 (continuação)

americano. Os geógrafos se interconectaram, o que implicou
em trocas comerciais, linguísticas, religiosas, culturas
de todos os lados. Tivemos inicialmente das relações
econômico-comerciais entre África, Europa e América. De
acordo com Bourdieu e Barry, a África entrou na econo-
mia-mundo criada pelos portugueses como fornecedora
de mão-de-obra escravizada para a realização
do trabalho forçado na América. Barry adverte
que a conexão da África com o resto do mundo
através do Atlântico implicou no deslocamento de
vires econômicas saarianas, ou seja, trocas as
redes comerciais que giravam em torno do
deserto de Saara foram afetadas quando os
portugueses, e depois deles diversos outros povos,
redirecionaram a rota das comércio africanos em
direção ao Atlântico.

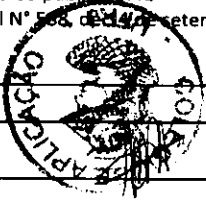
Porém, não se pode viver sem os homens e mulheres
do passado, mas também de ideias. Para falar das
ideias que circularam no interior do Império
~~Português~~ Português, devemos a eminentes historiadores
Francisco Caldeira Falcão. De acordo com ele, a
Ilustração do século XVIII, de origem europeia, teve
impactos estruturais na América portuguesa, ainda
na condição de colônia até 1822. As ideias liberais
(liberalismo político e econômico) fizeram-se sentir
em movimentos como a Inconfidência Mineira (1789)
e a Conjuração Baiana (1798). Por isso que as
autoridades metropolitanas tinham medo as ideias
então os elementos e liberais europeus com os
jacobinos brasileiros, essas ideias circularam e influenciaram
movimentos políticos como os supracitados.

Questão 2 (continuação)

Segundo parte da discussão iniciada por Falcon, e o qual também Charles Boxer, sobretudo no que concerne à materialização do despotismo esclarecido no Império Português durante o período pombalino. Segundo Boxer as ideias e práticas do despotismo esclarecido afetou o Império Português e, em especial, as relações entre as sociedades Atlânticas. Divide a operação do Marquês de Pombal aos jesuítas. Em sua tentativa de modernizar e fortalecer o Império, Pombal possui à cabo uma política de redução da influência jesuítica. O ápice dessa política foi a expulsão dos jesuítas dos domínios portugueses, o que gerou inúmeras consequências. Desde a falta de espaço, a abertura em áreas desabitadas para as relações intra-Império Português.

Segundo Manuela Carneiro da Cunha, a expulsão dos jesuítas gerou consequências para a política indigenista de Século XVIII. Ali está posto sob a responsabilidade dos clérigos jesuítas os povos indígenas. Pombal e os seus tutelados pelas autoridades não religiosas. Essa coleção em termos com as relações entre os colonos, os metropolitanos e os povos indígenas autóctonos. Por isso que deu a origem a escravização dos indígenas e nova política indigenista pós-jesuítica não foi capaz - e talvez nunca tenha conseguido - apaziguar os conflitos existentes entre indígenas e não-indígenas no interior da América Portuguesa.

Em síntese, essas foram algumas das relações estabelecidas entre as regiões e sociedades atlânticas entre os séculos XV e XVIII dentro do Império Português.



Questão 3

Antes de dissertar sobre algumas possibilidades de abordagem da cultura e dos movimentos sociais brasileiros entre 1945 e 1964 em sala de aula, convém contextualizar o período:

Histórias que se desenvolvem sobre a Era Vargas e o Golballismo, o exemplo de Ingrida de Castro Gomes, demonstram que desde os anos 1930 até o Golpe Civil-Militar de 1964 as camadas populares ganharam maior voz em comparação a períodos anteriores. Nesse período as migrações internas também aumentaram - especialmente nos anos de governo de Juscelino Kubitschek (JK) - e que fez do Sudeste um caldeirão de possibilidades culturais. Porém, esse período foi marcado por muitas contradições em vários de seus pontos. Ingrida Nascimento abordou as dificuldades enfrentadas pelas negras antes, durante e depois do período 1945-1964, e que coloca em questão a atuação dos movimentos sociais, dentre os quais deslocamentos e movimento por igualdade étnica (ou racial).

A abordagem dos temas culturais e dos movimentos sociais na educação básica deve partir do princípio de que todos os grupos sociais e de que todas as culturas possuem direitos, desejos e valores. O pai da educação brasileira, Paulo Freire, escreveu no livro "Pedagogia do oprimido" que o educador-educando e o ensinar-aprendendo com os seus educando-educadores deve abandonar a ideia de cultura e adotar a de diversidade cultural. Se assim será possível valorizar o outro, o diferente. Ninguém melhor do que o professor



Questão 3 (continuação)

de história para abordar em sala de aula a história cultural em toda a sua multiplicidade e complexidade. A respeito do período 1945-1964, as aulas de história podem trabalhar com obras críticas a respeito da valorização cultural em que se formou o Sudeste brasileiro: sede do maior parte das indústrias e empresas de comércio e serviços, estados como Rio de Janeiro e São Paulo atraíram brasileiros de várias regiões (especialmente do Nordeste), que trouxeram consigo suas culturas regionais e reivindicações políticas e sociais. Se possível, por exemplo, usar fontes imagéticas para problematizar as culturas nesse período. É interessante o fato de que Getúlio Vargas aparece ao lado de Mestre de Capoeira Bimba, quando benzeimbau. Essa imagem permite analisar a cultura popular em conexão com a história política.

A respeito da abordagem dos movimentos sociais, tomarei como exemplo o movimento negro. Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, é antiga a consciência e militância dos brasileiros negros. Em 2003 foi aprovada a Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino de história e cultura africanas e afro-brasileiras na educação básica, porém essa reivindicação já era feita desde os anos 1950. Aulas do Nascimento, quadro de TÊN - Teatro Experimental do Negro - e seus companheiros de luta reivindicava desde uma época a inclusão da África no currículo escolar.

De posse desse conhecimento, o professor de história pode elaborar com os alunos, com outros professores

Questão 3 (continuação)

atividades interdisciplinares que possibilitem a análise da diversidade dos brasileiros, incluindo-se aí o rap. Em diálogo com o professor de Artes, são possíveis tornar o teatro como eixo da aula de História e averiguar como a arte pode e ainda pode ser palco de luta social e de resistência.

Em suma, são numerosas as possibilidades de abordagem da cultura e dos movimentos sociais na educação básica. A abordagem da diversidade cultural brasileira e as resistências das comunidades e indivíduos populares deve estar no centro das atenções.

~~Quintan L~~

Segundo a historiadora Aspasia Camargo, o estudo dos movimentos sociais organizados pelos trabalhadores rurais no Brasil de século XX deve atentar para as contradições entre a realidade social e econômica brasileira e as políticas trabalhistas perdas em prática pelos governos. Considerando o período 1940-1980, que engloba parte da Era Vargas (início inicial) e parcela do Regime Militar (início final), devemos preocupar esta dissertação com o período e foco na política trabalhista de Vargas.

Os historiadores e demais cientistas sociais revisionistas, que desde os anos 1980 em diante vêm questionando o conceito de "populismo" e o plado pelo de "trabalhismo", puseram em relevo a atuação dos trabalhadores rurais, suas lutas e pmoções explicam boa parte das conquistas trabalhistas durante a Era Vargas. Contudo, e que as pesquisas sobre a Era Vargas como um todo deixam claro como a água mais cristalina e que naquela época o Estado voltava-se não-somente para os trabalhadores das cidades, deixando entretanto à própria sorte os do campo.

A grande contradição entre uma política trabalhista que ignora o povo e o Brasil do século XX é a seguinte: ali - o terceiro quartel de século ~~XX~~ XX o Brasil era majoritariamente rural, possuindo mais trabalhadores no campo do que nas cidades. O Estado rural e as migrações internas se alterariam significativamente o caráter rural da população brasileira após os anos 1950/1960. Nesse quesito

Questão 1 (continuação)

é nacional-desenvolvimentista, que gerou mais empregos no Centro-Sul do que no resto do país, desempenhando um importante papel.

A questão que se faz é a seguinte: como surgiu o trabalho dos de campo do período 1940-1980 diante da dificuldade estatal em reconhecer seus direitos sociais? Segundo Astória Corrêa, os camponeses se mobilizaram, especialmente em defesa de reforma agrária. O principal objetivo dos movimentos sociais camponeses era a conquista de um acesso mais igualitário ao solo, rompendo séculos de concentração fundiária no país.

As lutas dos camponeses sensibilizaram diversas elites da população, incluindo a imprensa. Nos anos 1960, por exemplo, por um contexto a necessidade urgente de realização de reformas agrárias. O que se debateu era a intensidade das medidas e a possibilidade de indenização, por parte do Estado, para os latifundiários que porventura perderem parte de suas terras.

Se há um ponto em que a historiografia recente sobre o Golpe Civil-Militar de 1964 parece concordar diz respeito à relação entre a alta mobilização de setores da sociedade brasileira e a ditadura de Presidente João Goulart. Uma, as lutas dos camponeses fazem parte desse processo. Sua organização e materialidade eram tão perceptíveis que chegaram a pôr em questão os interesses dos grandes fazendeiros (latifundiários).

A análise histórica da questão agrária em sua longa

Questão 4 (continuação)

Podemos concluir que as reformas agrárias, ou as propostas de reformas, mais significativas foram aquelas da Era Vargas. Isso indica com clareza a mobilização dos camponeses no período. Outros indícios desse fenômeno são os perfis de erradicação de analfabetismo, que listam os camponeses como um dos principais focos. Paulo Freire, por exemplo, coordenou parte das ações educacionais nos anos 1960 animado pela politização do campo. Ao longo disso, sua atuação política era contribuinte também para a conquista de direitos sociais e trabalhistas pelos trabalhadores rurais.

A partir de 1964, com o início do Regime Militar, a mobilização camponesa conheceu uma regressão. Revoluções trabalhistas, fesse no campo a novidade eram vistas como reflexos de comunismo e incitações políticas e ideológicas cubanas, soviéticas ou chinesas. Houve lutas armadas e guerrilhas que tiveram o campo como palco, porém as responsáveis eram sua grande maioria oriundas das cidades. De acordo com Denise Rillingberg, no capítulo "Esquerdas revolucionárias e lutas armadas", um dos motivos de fracasso das esquerdas revolucionárias brasileiras desde 1950 até 1980 liga-se à indiferença de boa parte da sociedade brasileira, incluindo os camponeses. Mas Tsé-Tung, líder chinês, acreditava que a revolução deveria começar pelo campo. Alguns militantes de esquerda no Brasil concordaram com ele. Porém, a maior parte dos camponeses não encamparam essa luta durante o Regime Militar.